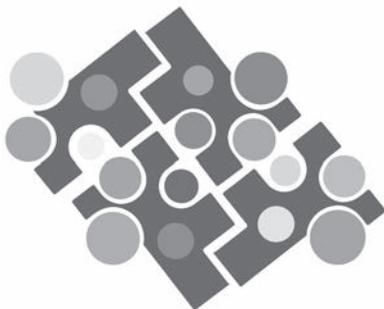


SAUDAÇÃO INICIAL E ABERTURA DO XXIX FÓRUM NACIONAL¹

Maria Sílvia Bastos Marques



É um prazer estar aqui no Fórum pela segunda vez. No ano passado, havia entrado há pouquíssimo tempo no Banco e, agora, no próximo dia 1º de junho, fará um ano que a nova diretoria assumiu. Muito oportuno o título do nosso seminário, desta vez mirando o futuro, esse futuro que vivemos perseguindo, e eu acho que, principalmente nos momentos que temos vivido ultimamente em nosso país, é muito importante realmente não perdermos esse foco, quer dizer, viver as questões conjunturais, viver o dia a dia, mas olhar para frente. Nós precisamos muito ter essa visão, este plano de futuro, pelo nosso país, pelos jovens, pelas gerações que estão por vir. Eu acho que essa é a responsabilidade de todos que estão aqui, que se interessam por este país, vivem nele e o amam. Eu vou falar um pouco para vocês das nossas ações, dos nossos diagnósticos, das nossas preocupações, enquanto instituição BNDES, de cuja importância todos sabem, de sua atuação que passa por todos os setores, de sua excelência técnica. Para mim o Banco é um dos lugares mais interessantes para se trabalhar, porque nele se tem uma visão de Brasil inteiro. Nós atuamos desde o microcrédito até o financiamento de aeronaves, inovação e agronegócio – sendo o BNDES o maior financiador dos investimentos nessa área. Enfim, nós atuamos em todas as frentes e, portanto, temos um painel muito bom do

¹ Degravação do depoimento de abertura, com revisão da autora.

que é o nosso país e também uma responsabilidade muito grande, especialmente em momentos como o atual.

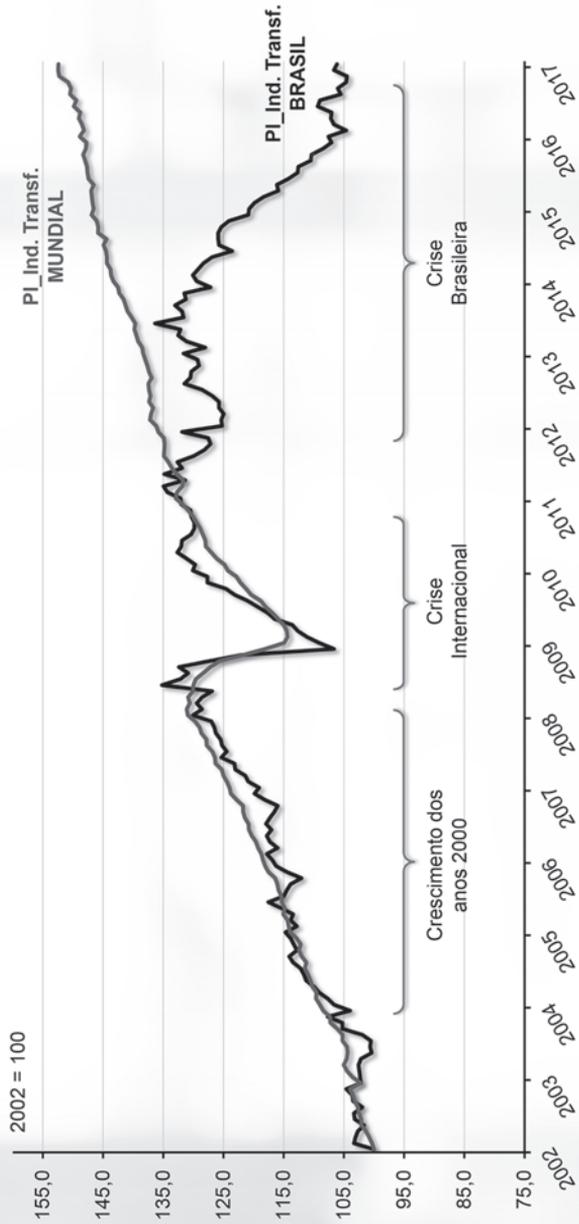
Apenas para servir de pano de fundo para o que vamos falar à frente, vale fazer referência ao que vivíamos no ano de 2016, e em que em alguma medida continuamos vivendo em 2017. Trata-se de uma crise política combinada com uma crise fiscal sem precedentes e uma recessão econômica que nós nunca experimentamos nesta dimensão, com desemprego alto e ainda em elevação, forte capacidade ociosa na indústria, investimento em queda, concessões de infraestrutura interrompidas, insegurança jurídica, o processo da Lava-Jato se comunicando com a questão econômica.

Ao final de 2016 no Brasil – isso é um quadro preocupante mas importante de ser conhecido – voltamos ao ano de 2008, no nível do PIB per capita; a 2009, no PIB da indústria; a 2010, no nível de investimento; a 2011 no PIB de serviços e no consumo das famílias, e finalmente a 2013 na agricultura. Ou seja, mesmo em nossa pujante agricultura, voltamos a três anos atrás.

No tocante à indústria, cabe também situarmos o nosso país em relação ao resto do mundo. Usando o ano de 2002 como número índice igual a 100, percebe-se (conforme slide 4 na apresentação anexa), uma aderência muito grande entre as duas curvas de produção industrial – a brasileira e a mundial. Além disso, em ambos os casos, desde o início dos anos 2000 há uma tendência clara de crescimento até 2008, quando estourou a grande crise internacional de 2008-2009, com uma queda aguda tanto na indústria mundial quanto na brasileira. A partir de 2011, entretanto, vê-se um claro movimento de recuperação da produção da indústria de transformação mundial, e, em contraponto a isso, um declínio acentuado no nosso caso. Vê-se assim que, de 2011 para cá, a crise que vivemos tem sido uma crise bem mais brasileira do que mundial.

Os dados do período recente (slide 5) mostram adicionalmente que, a despeito do crescimento gigantesco dos desembolsos do BNDES via PSI (Programa de Sustentação de Investimentos), que dobraram entre 2009 e 2013 (e depois encolheram para um nível 20% abaixo do inicial), não foi possível aumentar, a não ser levemente, os investimentos em bens de capital do setor industrial nessa mesma fase. É do conhecimento geral que esses empréstimos tiveram como lastro R\$ 500 bilhões de empréstimos do Tesouro Nacional ao BNDES, captados pelo Tesouro a taxas de mercado e emprestados pelo Banco com subsídio elevado aos tomadores de crédito, gerando forte impacto fiscal. Esses empréstimos explicam parte relevante da trajetória recente de crescimento da dívida pública brasileira, daí a importância da devolução antecipada pelo Banco ao Tesouro, de R\$ 100 bilhões, ao final do ano passado.

Produção da Indústria de Transformação Brasileira 2000-2016

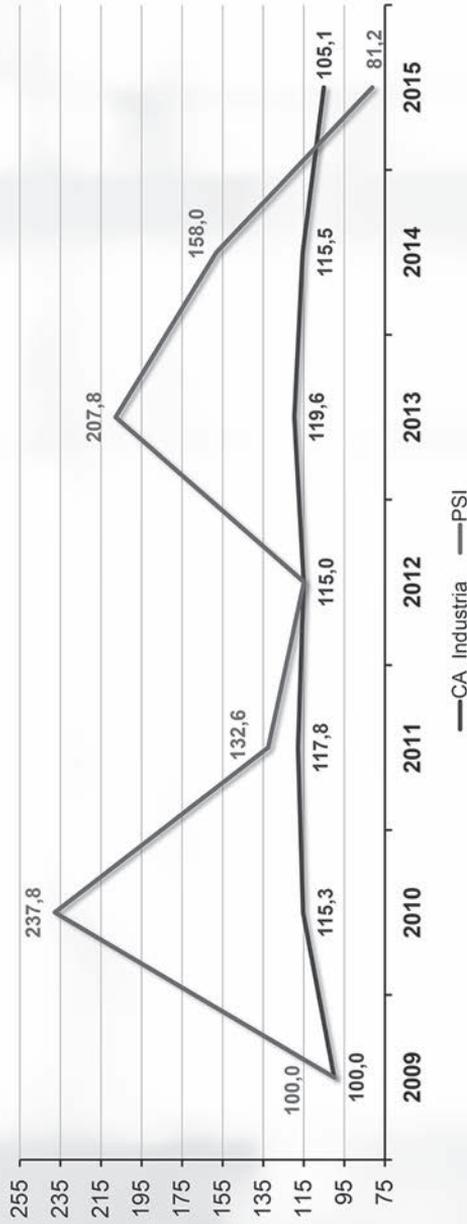


Fonte: PIM-PF/IBGE e CPB Netherland

PSI x Investimentos na indústria

▶ PSI não conseguiu elevar investimentos em BK

Investimento em bens de capital da Indústria e PSI (2009 = 100)



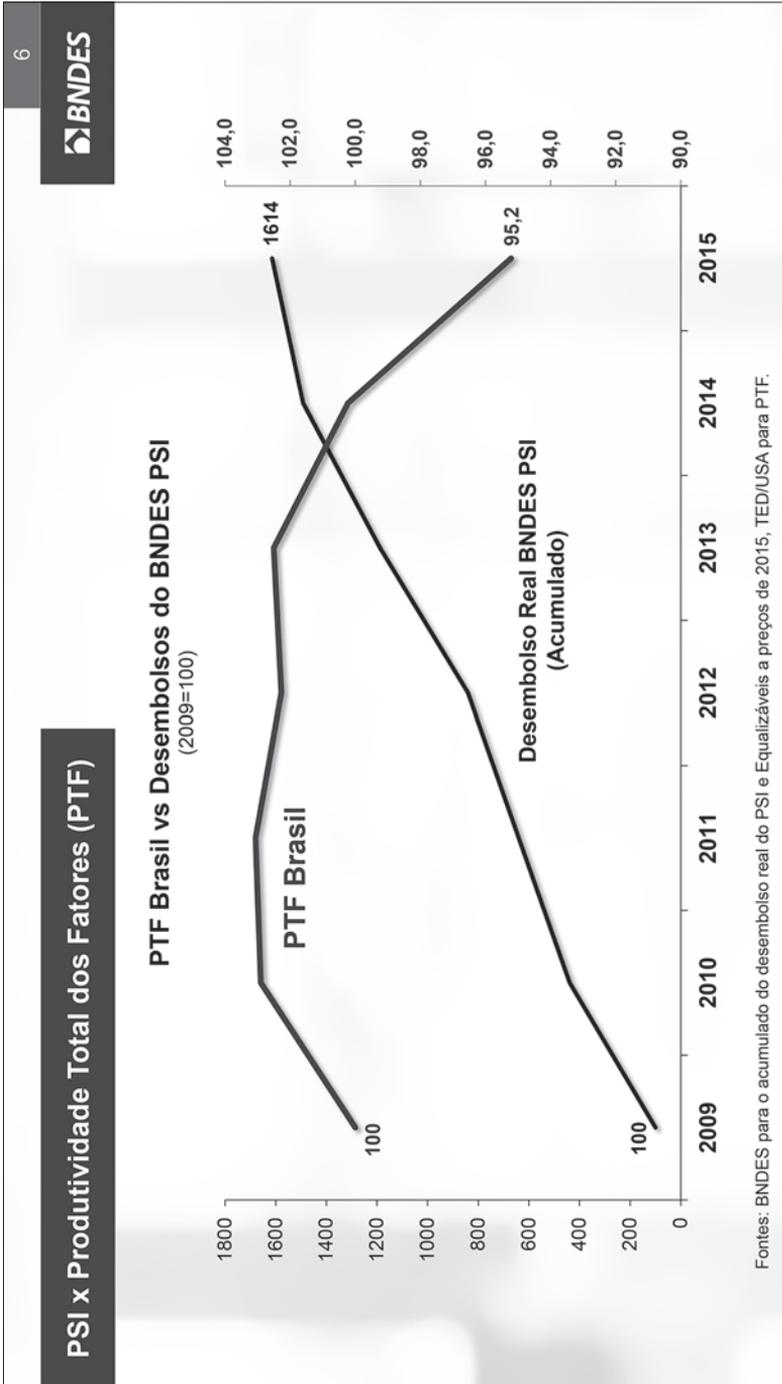
Fontes: IBGE, BNDES, IPEA.

Registre-se ainda que, no mesmo período, a PTF (Produtividade Total dos Fatores) medida abrangente de produtividade, decresceu no Brasil, do índice 100 para 95. Ou seja, o impacto desses desembolsos foi decepcionante, tanto na formação de capital como na produtividade da economia brasileira (slide 6).

Na verdade, como esses recursos foram emprestados a taxas muito baixas e em muitos casos até fortemente negativas em termos reais, houve uma expressiva distorção na alocação de recursos na economia, e certamente houve uma forte antecipação de investimentos, o que explica também a dificuldade de retomada e a grande ociosidade em muitas indústrias, como por exemplo na de ônibus e caminhões, grandes tomadores de recursos do PSI.

É importante deixar claro que os dados correntes de desembolsos do BNDES estão relacionados a decisões tomadas há cerca de dois anos antes, não sendo um termômetro para medir a temperatura do que está acontecendo hoje na economia brasileira. Na verdade, para avaliar o que está acontecendo no momento atual, devem ser analisadas as consultas feitas ao Banco, pois são essas que mostram as intenções de investimento. As aprovações da FINAME também devem ser olhadas com atenção – e sobre isso vou falar um pouco mais à frente – pois como o ciclo de crédito da FINAME é rápido, e já se percebe a disposição do empresariado de voltar a investir em máquinas e equipamentos, de renovar o seu parque. Em suma, como o ciclo de aprovação de crédito do Banco é longo (registre-se que estamos trabalhando muito para reduzir esse prazo para até 180 dias, mas hoje eu diria que a média está em 600 dias e já tivemos projetos aprovados nessa diretoria que estavam tramitando no Banco há até dois mil dias), quando falamos em desembolso nós estamos olhando um retrato de pelo menos dois anos atrás, e quando estamos comparando com dois anos atrás estamos comparando com o auge dos desembolsos do Banco, dentro da política anticíclica de crédito que estava sendo posta em prática.

Cabe agora deixar para trás essa agenda que se refere a um retrato do passado, para nos perguntarmos sobre eventuais sinais de retomada da economia. Na verdade, temos visto sinais ao longo dos últimos meses, eu diria, cada vez mais consistentes, embora alguns ainda incipientes, da retomada do crescimento. Não se espera que possamos sair de uma recessão tão profunda em meses, claro que esse não vai ser um processo rápido, até porque as características dessa recessão são bem diferentes das anteriores, principalmente devido ao elevado endividamento das famílias e das empresas. O estoque de crédito da economia aumentou muito e há que acontecer o que se conhece como um processo de “desalavancagem”, ou de rearranjo financeiro, para que possa haver a retomada. Já vemos, por exemplo, uma projeção positiva

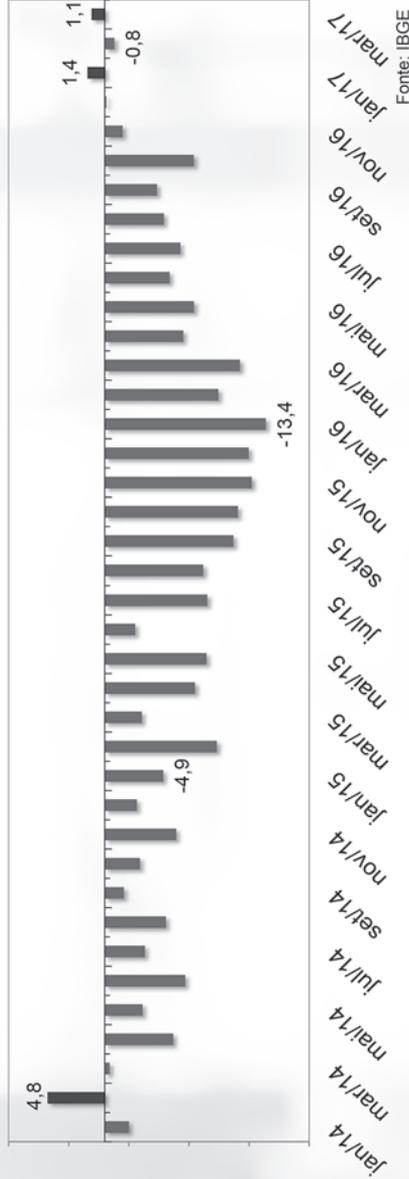




Sinais da retomada // Produção industrial em recuperação

Produção Industrial

(var. % mês contra mesmo mês do ano anterior)



Fonte: IBGE

- Projeção de alta na atividade industrial de 1,25% para 2017 (Boletim Focus, 12/05/17)

para a produção industrial do ano, o que nos anima muito. Isso é fundamental, e no pano de fundo estão a forte redução do IPCA e da taxa Selic. Como se vê no slide 8, a previsão do Boletim Focus para o IPCA do final do ano é abaixo de 4%, depois de vários anos acima do teto da meta de inflação. Este é um ganho importante para a sociedade brasileira, lembrando que não há imposto mais perverso para as classes menos favorecidas do que a inflação, pois ao não conseguirem se proteger contra a perda de valor da moeda, sofrem uma queda muito forte do seu rendimento real.

Os dados mostram que o endividamento das empresas vem caindo desde o final de 2015, quando medido em porcentagem do PIB, enquanto o das famílias começou a cair desde meados de 2013 (slide 9). Trata-se de um processo recente, mas que está acontecendo e é contínuo.

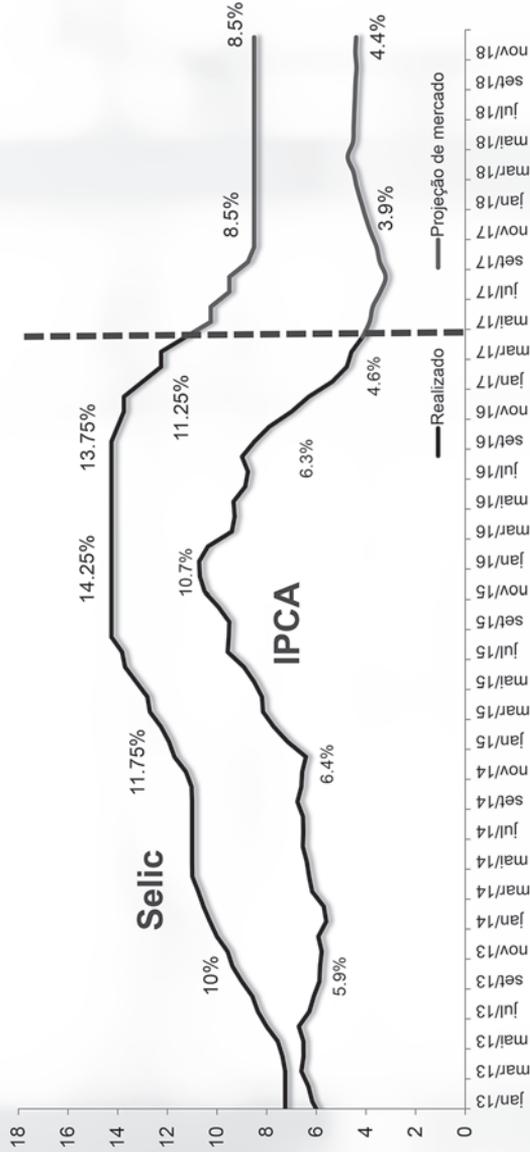
Adicione-se a isso a recuperação dos indicadores de confiança apurados por diversos institutos, a evolução positiva do preço dos ativos, quer dizer, a Bolsa andou bastante nesse último ano – pois os balanços do primeiro trimestre mostram uma melhora significativa das empresas em relação aos anos anteriores – tem-se ainda a recuperação da produção industrial, a nossa super safra agrícola extremamente importante, a criação de 60 mil vagas de emprego formal em abril deste ano. O índice de atividade econômica medido pelo Banco Central apontando um avanço da atividade de 1.12%, no primeiro trimestre de 2017 frente ao último do ano passado, uma alta na produção de veículos também no primeiro quadrimestre, e a projeção do PIB do Boletim Focus, de 0,5% em 2017, o que equivale a um crescimento trimestral anualizado de 2,5%, o que já é um crescimento expressivo (slide 10).

A propósito, dentro do BNDES, também já se começa a enxergar esses sinais de recuperação. Tivemos um crescimento de 38% das aprovações FINAME e aí poderíamos pensar: “Isso está muito contaminado por máquinas e equipamentos agrícolas”. No entanto, retirando esse item e mais os ônibus e caminhões que, como mencionei antes, é um setor que foi muito afetado pelo PSI, a alta nas aprovações para bens de capital da FINAME é de 159%, comparando esse quadrimestre com o do ano passado, e se olharmos especificamente a indústria de transformação, a alta é de 197%. É óbvio que viemos de uma base baixa, mas claramente há uma reversão de tendência. Tivemos crescimento de 34% nas aprovações no setor industrial, uma alta muito forte. Capital de giro hoje é uma linha muito importante do Banco, é uma linha que o Banco já tinha, mas que reativamos ano passado, em agosto, em condições diferenciadas, principalmente para micro, pequena e média empresas, para irrigar a economia, permitindo que essas empresas atravessassem a crise sem entrar em recuperação judicial ou falência e preservem os ativos produtivos e os

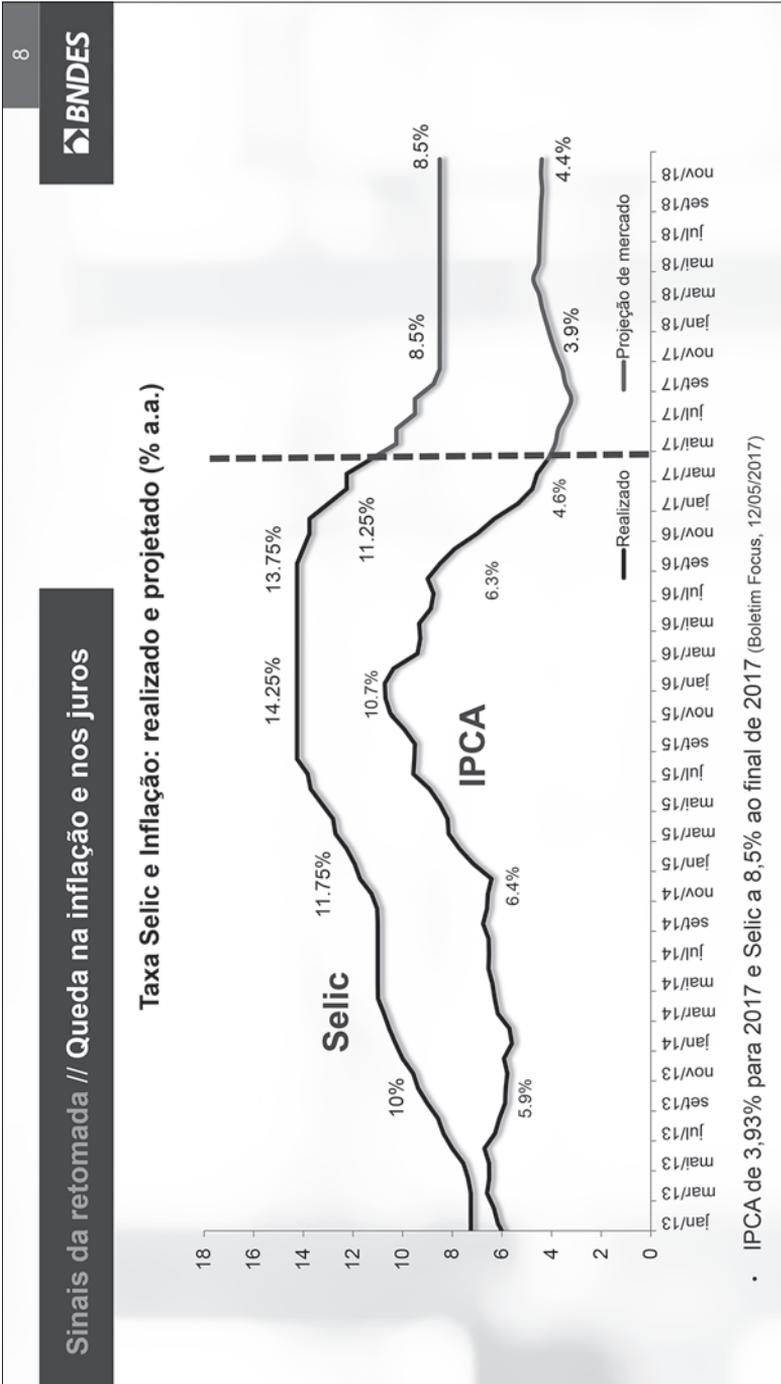
Sinais da retomada // Queda na inflação e nos juros



Taxa Selic e Inflação: realizado e projetado (% a.a.)



• IPCA de 3,93% para 2017 e Selic a 8,5% ao final de 2017 (Boletim Focus, 12/05/2017)



Sinais da retomada // Conjuntura Brasileira

- ▶ Recuperação dos indicadores de confiança
- ▶ Evolução positiva no preço dos ativos
- ▶ Melhora nos balanços 1T/2017 das companhias
- ▶ Recuperação da produção industrial
- ▶ Supersafra 2017
- ▶ Criação de 60 mil vagas de emprego formal em abril/2017¹
- ▶ IBC-Br 1T/2017 x 4T/2016 ²= +1, 12%
- ▶ Alta na produção de veículos: +20,9% (jan-abr/2017 x jan-abr/2016)³
- ▶ Projeção PIB 2017: +0,50% (equivalente a 2,5% trimestral anualizado)⁴



10



- ▶ Lei do Teto das Despesas Públicas
- ▶ Lei da Terceirização
- ▶ Reformas Trabalhista e Previdenciária

Fontes: ¹CAGED/MTE ²Banco Central ³IBGE ⁴Relatório Focus Bacen, 12/05/2017.

empregos. Houve uma alta de 339% nos desembolsos de recursos para capital de giro no primeiro quadrimestre desse ano em relação ao do ano passado – e esta é uma linha cuja aprovação é rápida –, e uma maior demanda por crédito evidenciado nas consultas nos segmentos de papel e celulose, que aumentaram 370%, e mecânica, 192%. Começam também a aparecer sinais de retomada de investimentos em bens de capital e em consultas de projetos de prazo mais longo. E é importante também mencionar o sucesso nos leilões de transmissão de energia, que haviam sido vazios nos anos anteriores, o sucesso nos leilões de aeroportos com competição, ágio e um volume de investimento muito alto – sendo que, pela primeira vez, houve grandes operadoras mundiais vencendo os leilões. Também caminha bem o programa de concessões estaduais de saneamento, capitaneado pelo BNDES, com sucesso na contratação das consultorias para modelar os processos, todas elas de primeiro nível (slide 11). Portanto, os investimentos através de parcerias público-privadas estão indo bem. Vou contar uma novidade em primeira mão, porque interessa à nossa cidade do Rio de Janeiro. O Ministério dos Esportes está solicitando ao PPI (Programa de Parceira de Investimentos) que inclua em seu *portfolio* o Parque Olímpico do Rio de Janeiro, para que o BNDES possa realizar a modelagem de parceria público-privada do Parque Olímpico. Essa é uma importante iniciativa para nossa cidade.

Vamos agora olhar para a frente. Quais são os vetores sustentáveis estruturais para que o país alcance o desenvolvimento sustentável? Precisamos aprovar as reformas estruturais, sobre as quais já nascemos ouvindo falar, pois elas são mandatórias, e o Brasil vem acumulando uma série de ineficiências porque não encara as questões de médio e longo prazos, que precisam ser encaradas. Vai-se criando um monte de *puxadinhos* na economia, o que gera tal ineficiência, que ao final nem se sabe mais qual é o problema original. Certamente o país não escapa de fazer uma reforma tributária, uma reforma da Previdência, que quanto mais tempo levar mais dolorosa será. A reforma trabalhista é fundamental para gerar emprego – já que hoje as nossas regras trabalhistas em muitos casos desestimulam a contratação de empregados – e precisamos ter políticas de estímulo à competição.

Tão importante quanto a agenda de reformas estruturais macro é a agenda de reformas micro. Essa é uma agenda em que o Ministério da Fazenda entrou firme, criando uma Secretaria de Produtividade, e o BNDES vai ser a secretaria executiva desse novo órgão, utilizando o nosso forte conhecimento setorial. Já montamos uma agenda importante de questões micro que, se resolvidas, de fato criarão um ambiente de negócios muito mais positivo, regras claras e estáveis. Regulação e órgãos de controle, da mesma forma, precisam funcionar e serem claros na sua atuação. Também fundamental é a parceria do setor público com o privado, pois o Estado

Comparação 1º quadrimestre 2017 x 1º quadrimestre 2016:

- ▶ Crescimento de 38% das aprovações Finance
- ▶ Alta de 197% nas aprovações no setor de Indústria de Transformação
- ▶ Alta de 159% nas aprovações para bens de capital quando excetuados ônibus/caminhão e agrícola
- ▶ Crescimento de 34% das aprovações no setor Industrial
- ▶ Alta de 339% nos desembolsos do Progeren (capital de giro)
- ▶ Maior demanda por crédito nas consultas de segmentos como Papel e Celulose (370%) e Mecânica (192%)

E mais:

- ▶ Sucesso nos leilões de transmissão e sucesso nos leilões de aeroportos, com expressiva competição, ágio e volume de investimentos
- ▶ Sucesso na contratação das consultorias de saneamento

não terá condições de ser o líder dessa retomada do crescimento. É preciso, então, mais investimento privado e um ambiente de negócio mais positivo como resultado de tudo isso, visando maior sustentabilidade, eficiência e competitividade (slide 12).

Resumindo, uma agenda de desenvolvimento passa por investimentos em infraestrutura de qualidade, que é fundamental para todos os setores da economia, melhores práticas de gestão e reformas micro, tudo isso culminando em maior competitividade e produtividade. Sob a ótica do BNDES, além da questão básica de que o mandato de um banco de desenvolvimento é apoiar, financiar e buscar viabilidade para projetos que gerem altas externalidades, ou seja que tenham retorno social maior do que o privado, claramente hoje nós temos um mandato importante da busca de maior produtividade para nossa economia.

O Brasil não terá crescimento sustentável se não enfrentar muito corajosamente essa questão da produtividade. E aí cabe apresentar alguns dados que são importantes. Por exemplo, comparando o gasto de infraestrutura no Brasil no período de 2008 a 2013 em percentagem do PIB, com o de outros países, a média do mundo nesse período foi de 3.4% do PIB, o Brasil ficou com 2,5% e os nossos competidores como China e Índia com 8,8% e 5.2% do PIB, respectivamente (slide 13). Além disso, os investimentos em infraestrutura não têm a qualidade necessária para prover o nível de serviço adequado para a economia. Nesse quesito, no ano de 2015 estivemos num desonroso último lugar em todos os subsetores da infraestrutura em termos de qualidade, em alguns casos empatando com a Rússia, e a Argentina. Sob o aspecto de gestão, infelizmente não estivemos muito melhor, e aí estamos considerando gestão geral de todas as empresas, todos os setores. Com base no World Management Survey, e em relação à cauda inferior da curva que mostra os 25% de empresas de pior qualidade de gestão, nos Estados Unidos existem apenas 2% de empresas nessa situação. Surpreendentemente, na China, 6%. México 11%, e Brasil 18%, o pior resultado (slides 14 e 15).

Entre os levantamentos do Global Innovation Index, e deles o mais conhecido é o que mede a facilidade de abrir negócios, o Brasil, num ranking de 128 países, está na 123ª posição. Atrás de nós nesse ranking estão a Bósnia Herzegovina, a Etiópia, a Bolívia, o Camboja e a Venezuela, o que dispensa comentários mais extensos (slide 16). Nos demais indicadores, estamos também mal posicionados, a não ser nos casos do ranking médio das três melhores universidades, dos gastos em educação e P&D como percentagem do PIB, na colaboração indústria-universidade em pesquisa, e no certificado de qualidade ISO, onde estamos melhor posicionados (slide 17). Só que, quando se olha para a produtividade do trabalho, nada disso reverteu em

**Principais vetores
para a retomada
do crescimento**

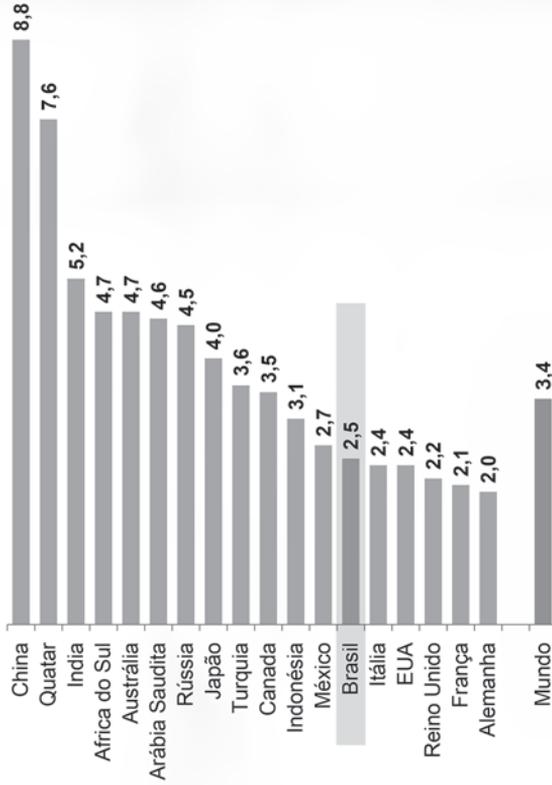


1. Reformas Estruturais
2. Políticas de estímulo à competição / reformas micro
3. Regras claras e estáveis
4. Regulação e órgãos de controle
5. Parcerias entre os setores público e privado
6. Ambiente de Negócios
7. Sustentabilidade, eficiência e competitividade

Agenda para o desenvolvimento:
Infraestrutura, gestão, reformas micro e produtividade



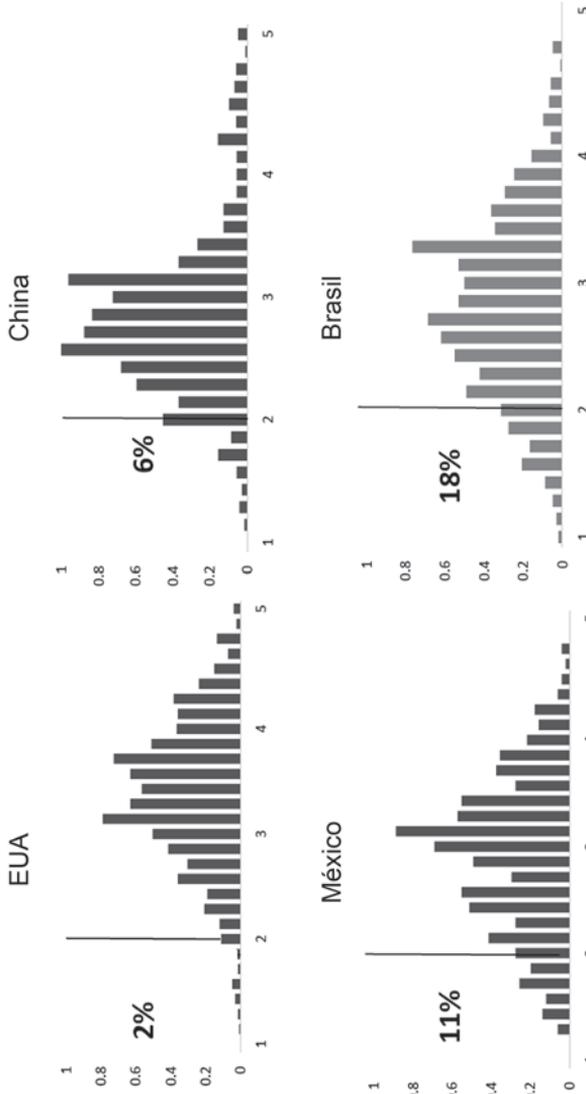
Infraestrutura // Gastos em Infraestrutura 2008-2013 (% do PIB)



Fonte: IHS Global Insight, ITF; GWI; National Statistics; McKinsey Global Institute analysis



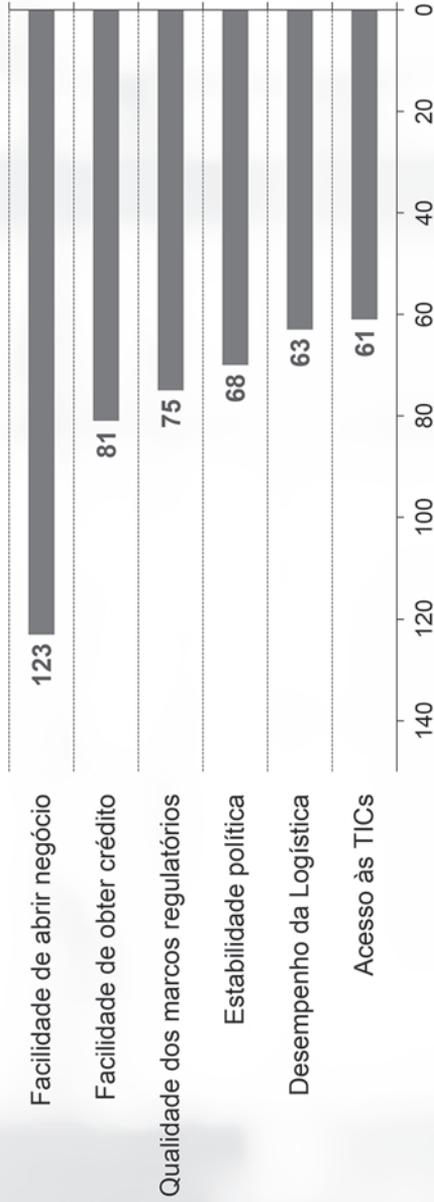
Gestão // Distribuição da qualidade de gestão - diversos países (2014)



Fonte: Daniela Scur, baseado no World Management Survey 2014 <http://worldmanagementsurvey.org>

Reformas micro // Alguns obstáculos para o investimento no Brasil

Posição do Brasil em Indicadores Seleccionados do Índice Global de Inovação
(de uma amostra de 128 países – em 2014)

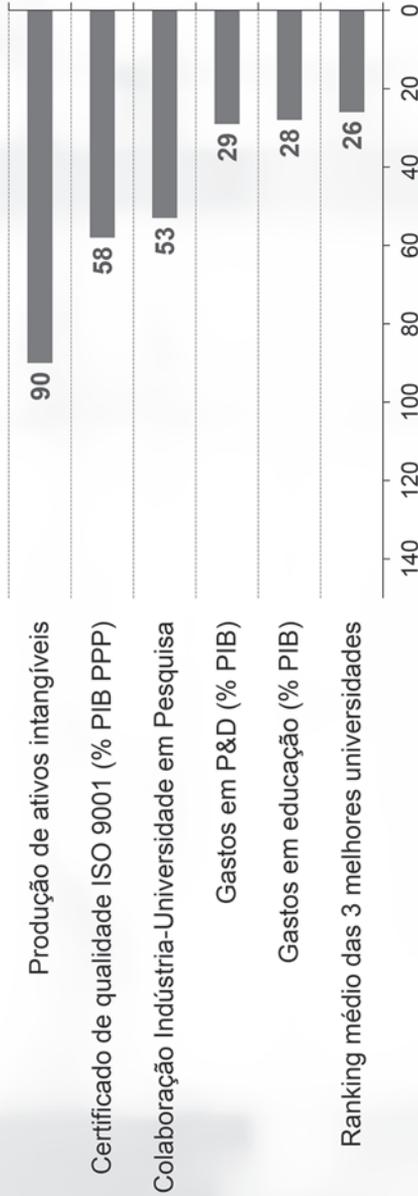


Fonte: The Global Innovation Index 2016

Reformas micro // P&D e investimento em capital humano para competitividade



Posição do Brasil em Indicadores Selecionados do Índice Global de Inovação
(de uma amostra de 128 países – em 2014)



Fonte: The Global Innovation Index 2016

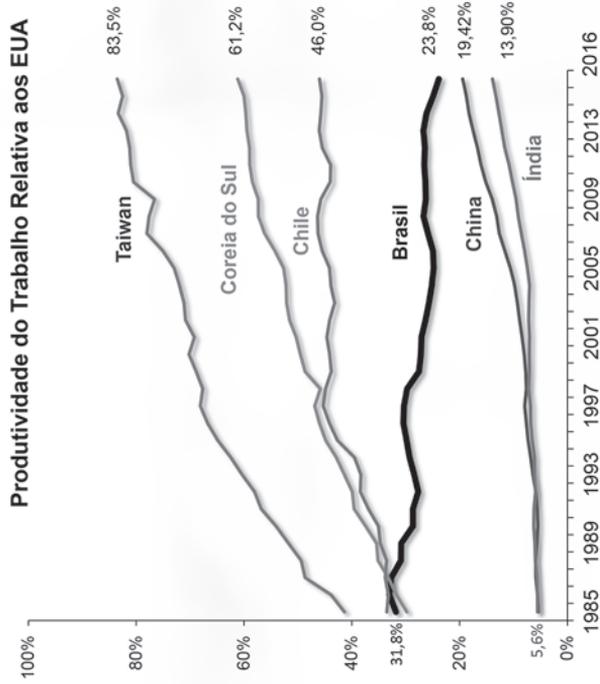
aumento da produtividade. Usando os Estados Unidos como referência, e partindo do ano de 1985 como base 100, vê-se Taiwan aumentando do percentual de 40% na sua produtividade do trabalho em relação à americana, para 84% em 2016. Enquanto isso, Coréia do Sul, Chile e Brasil, que estavam empatados em 32% em 1985, evoluíram da seguinte forma: Coréia hoje tem 61% da produtividade americana, o Chile tem 46% e o Brasil caiu de 32 para 24%. Em contraste ainda maior, vê-se China e Índia saindo de 5,6% em 1985, até alcançar rapidamente a produtividade brasileira, tendendo a ultrapassá-la rapidamente em futuro próximo, se nada for feito para mudar nossa trajetória. São dados muito preocupantes que mostram que há recursos, recursos são investidos, mas esses recursos não têm efetividade, ou seja, as despesas financiadas por eles não se refletem em maior produtividade do trabalho (slide 18).

Para terminar, vale observar a PTF, antes mencionada, também usando os Estados Unidos como base. Da mesma forma, China e Índia, que tinham produtividade muito inferior à do Brasil em 1985, se aproximam da brasileira nos dias de hoje. Já a nossa, depois de atingir um pico no ano de 1995, passou a decrescer (slide 19). A década de 90 foi uma década de privatizações, de grande impacto no mercado de capitais, de mudanças importantes em governança, que tiveram reflexo em aumento de produtividade. Depois disso, tivemos uma trajetória de queda acentuada até 2013 e, por outro lado, vemos o Chile e a Coréia do Sul trilhando o caminho oposto e se situando hoje bem acima de nós (slide 20).

Na verdade, alguma coisa se salva, hoje, no Brasil, quando falamos de produtividade. Trata-se da agricultura, que é o único setor no país em que a produtividade cresceu bem mais do que nos Estados Unidos. Com efeito, entre 2001 e 2013, cresceu 20% além da PTF do mesmo setor nos Estados Unidos. Trata-se, aqui, de um setor exposto à competição internacional, que, portanto, tem que ser competitivo, inclusive para compensar a precária infraestrutura de que dispomos. Imaginem o que seria esse setor com uma infraestrutura de qualidade...

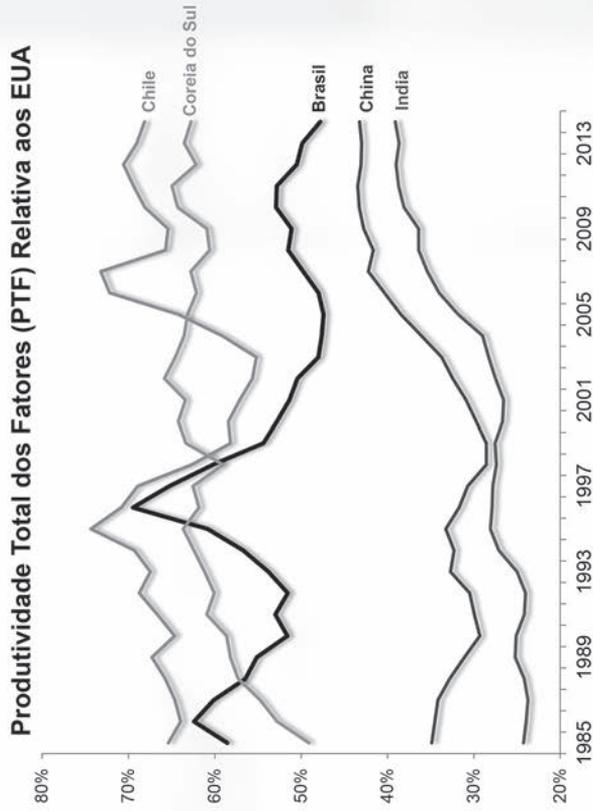
Além disso, no Brasil, há a EMBRAPA, um instituto público que não só gera inovação, mas faz a difusão da inovação, e esse é um tema muito importante. Fizemos muitos seminários nesse ano em que estamos no BNDES para discutir questões relevantes, como a inovação. Tem ficado muito claro para nós, que temos um problema de inovação no Brasil, mas um problema ainda maior é que nós não conseguimos fazer a difusão da inovação – a inovação acontece e fica segregada a empresas e setores, e na agricultura isso é uma coisa que não acontece (slide 21).

Produtividade // Fundamental para competitividade

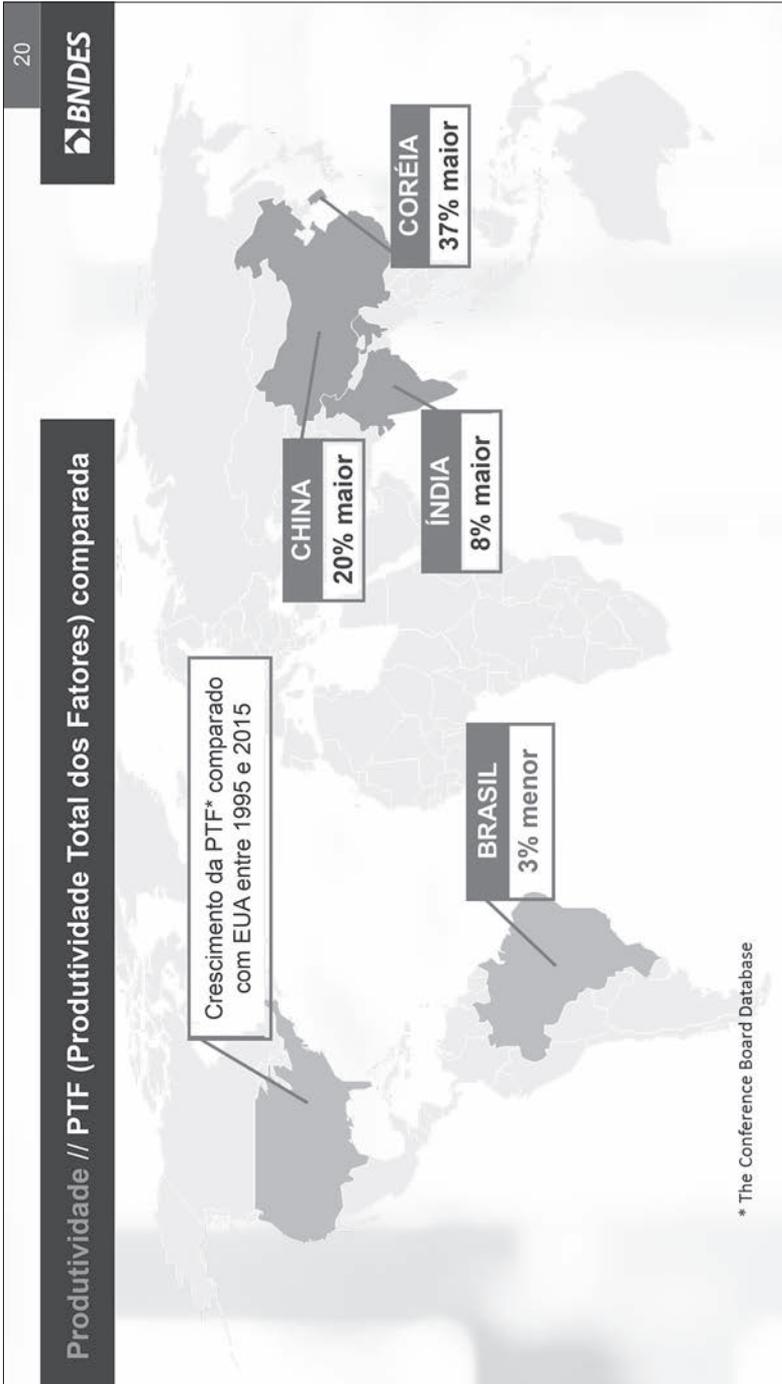


Fonte: The Conference Board Total Economy Database™ (dados até 2016)

Produtividade // Fundamental para competitividade



Fonte: Penn World Table 9.0 (dados até 2014). Elaboração BNDES



Para finalizar, devo falar um pouco da nossa atuação presente e do que a atual administração está endereçando para o futuro (slides 21 a 24). Hoje o que se busca no Banco é ter uma atuação horizontal. O que é isso? É dar as mesmas condições a projetos equivalentes. O Banco tradicionalmente sempre apoiou setores e se discute se ele é o banco da infraestrutura, ou o banco da indústria. Na verdade é o banco do desenvolvimento, então ele deve passar por todos os setores. Fizemos uma revisão profunda na forma de atuação do Banco, nas nossas chamadas políticas operacionais, que são as condições de financiamento. Foi feita uma mudança importante: ao invés de determinar condições de financiamento por setores, passamos a determinar condições de financiamento por projetos. Ou seja, a alocação da TJLP passou a ser por atributos de projetos e não mais por setores. Por que isso? No passado, indústria, agricultura, serviços e comércio eram setores que tinham fronteiras muito definidas, hoje isso não existe mais. O comércio vive da tecnologia, plataformas digitais, a indústria não vive sem os serviços, que agregam valor a seus produtos, a agricultura vive de inovação. Então as fronteiras entre os setores são cada vez mais difusas. Além disso, por que um projeto, por exemplo, de inovação, deveria ter uma condição de financiamento melhor se for da indústria do que se for do comércio? Ele é um projeto de inovação e, portanto, tem impacto equivalente na economia, independente do setor em que se origine! O mandato de um banco de desenvolvimento é financiar projetos que têm alto impacto de externalidade. Um projeto de inovação tem impactos de externalidade positiva independentemente de ele ser do comércio, da indústria, agricultura ou do serviço. Então a atuação do banco, desde o mês de janeiro deste ano, tem sido pautada pelos atributos de projetos e esses é que determinam o percentual de TJLP que é alocado às condições de financiamento. Acreditamos que assim nossa atuação será muito mais transparente, horizontal e eficaz. Projetos com maior geração de externalidades, como os de infraestrutura e inovação, micro e pequena e média empresa, educação, e outros, contam com melhores condições de crédito.

Fizemos também outro seminário há uma semana e meia atrás, em parceria com o Banco Mundial, com a presença de grandes bancos de desenvolvimento do mundo, alguns aqui da América Latina, mas também da África, da Alemanha. Foi muito interessante, vimos que muitos desses bancos têm atuação em educação. Isso se deve à preocupação com capital humano e aqui estamos nos preparando para fazer isso também. Todos têm uma agenda muito clara para micro, pequenas e médias empresas, e todos avançaram muito na tecnologia para alcançar a capilaridade que é necessária para atingir as micro, pequenas e médias empresas – também nossa prioridade de atuação

Entre 2001 e 2013, a PTF da agricultura no Brasil cresceu **20%** além da PTF do setor nos EUA

(International Agriculture Productivity, USDA, 2016)



** FUGLIE, K. O. Total Factor Productivity in the Global Agricultural Economy: Evidence from FAO Data, 2010, apud

Produtividade // PTF: O Caso da agricultura

Entre 2001 e 2013, a PTF da agricultura no Brasil cresceu 20% além da PTF do setor nos EUA

(International Agriculture Productivity, USDA, 2016)



•• FUGLIE, K. O. Total Factor Productivity in the Global Agricultural Economy: Evidence from FAO Data, 2010, apud

Atuação do BNDES



- ▶ Atuação **horizontal**
- ▶ Foco em **projetos** ao invés de foco no setor
- ▶ Projetos com maior geração de **externalidade** contam com melhores condições de crédito: infraestrutura, inovação, MPME etc.
- ▶ Estímulo ao aperfeiçoamento da **governança** e à **gestão eficiente** nos financiamentos e participações acionárias
- ▶ Simplificação, agilidade, recebíveis como **garantias**, compartilhamento de garantias sob condições
- ▶ **MPME**: canais de distribuição eletrônicos, melhores condições de financiamento e prazos maiores
- ▶ Concessão de **capital de giro** para auxiliar na transição para a retomada do crescimento
- ▶ Indução e financiamento competitivo às **exportações**
- ▶ Estímulo ao **mercado de capitais** com novos fundos de dívida e de debêntures

Temos ainda um claro mandato de buscar a simplificação e agilidade dos processos, de pensar novas formas de garantias, por exemplo para empresas nascentes, *startups*, o comércio, pois eles não têm bens ativos reais para dar como garantia. Então poder aceitar recebíveis como garantias, poder compartilhar nossas garantias com financiadores privados, sob condições, são condições importantes. No caso das micro, pequenas e médias empresas, estamos buscando canais eletrônicos de distribuição, bem como dando melhores condições de financiamento e prazos maiores. Anunciamos recentemente duas parcerias importantes com canais de distribuição, que foram a B2W e a Getnet, e estamos caminhando para outras. Há a concessão de capital de giro, já mencionada, e a indução e financiamento competitivo às exportações. O Banco sempre foi o *Exim* (isto é, o banco de importação e exportação) do país, e quando a empresa se insere no mercado internacional, isso é um selo de que ela tem a produtividade e a competitividade necessárias. Outra meta importante do Banco é o estímulo ao mercado de capitais, com novos fundos de dívidas e de debentures, entre outros instrumentos.

Há uma discussão em que eu não vou entrar por falta de espaço, que é da TJLP versus TLP. Mas é importante frisar que, mesmo com a convergência de taxas de juros, que virá com ou sem TLP – e todos nós queremos um país com taxas de juros estruturalmente baixas para toda a economia - mesmo nesse cenário o BNDES terá sempre um *funding* a custo diferenciado do de mercado, que é o custo de captação do Tesouro, custo soberano, e com prazos compatíveis para projetos com prazos longos de maturação.

Temos aperfeiçoado muito, e essa é uma discussão de governo, as condições de financiamento da infraestrutura, esses leilões que tiveram sucesso passaram por uma ampla revisão das suas condições, até da forma de publicação dos editais, que antes não eram publicados em inglês, e passaram a ser publicados em inglês e espanhol. O Banco, de novo, tornou-se agente do Programa de Desestatização, não apenas do Governo Federal, mas também dos governos estaduais e até municipais. Nós formatamos o programa de concessões na área de saneamento, programa importantíssimo, pois este é um outro setor em que o país precisa melhorar, e muito, os seus serviços à população. Os dados de saneamento brasileiros são uma vergonha, isso daria um outro seminário. Estruturamos também um programa de PPP de iluminação pública para as capitais brasileiras, que depois vai ser estendido para os municípios com mais de 400 mil habitantes. Estamos terminando a formação, já com a adesão de sete estados, para a privatização das distribuidoras de gás que ainda estão sob controle dos estados. A estabilidade da economia e as baixas taxas de juros abrem uma série de possibilidades de novos modelos de negócios,

Novas direções // Financiamentos, produtos e participações

- ▶ Financiamento de projetos de **elevado retorno social** e/ou que **demandem prazos longos de maturação**
- ▶ Aperfeiçoamento e agilidade nos financiamentos a **infraestrutura** com foco na sustentabilidade econômica das concessões
- ▶ Agente de programas de **desestatização** (concessões, PPPs etc.) dos governos federal, estaduais e municipais
- ▶ Atuação como **coordenador** na sindicalização de financiamentos
- ▶ **Garantias e Fianças**: atuação como garantidor / prestador de fianças - compartilhamento, tratamento mais equitativo, possibilitando melhores condições de apreçamento pelos bancos garantidores

Novas direções // Financiamentos, produtos e participações

- ▶ **Repasses por meio de debêntures de mercado**
 - Financiamento 100% por debêntures – BNDES e Mercado
- ▶ **Fortalecimento do apoio a PMEs via mercado de capitais**
 - Aumento do número de empresas apoiadas via fundos de **capital semente** e de **venture capital**
 - Estruturação de novos produtos, como fundos de **venture debt** e fundo de **coinvestimento anjo**
- ▶ Novas modalidades de fundos de dívida para todos os portes de empresas: foco em debêntures e projetos de **infraestrutura** (Fundo de Energia Sustentável) e **dívida corporativa**



por exemplo, com investidores institucionais e seguradoras, que nunca participaram desses leilões de concessões e de PPPs, embora precisem fazer investimentos de prazo longo. Na verdade, quando se tem um título do Tesouro que não tem risco e rende uma taxa de juros elevada, tente a ser mais atrativo para os fundos de pensão e para as seguradoras ficarem com investimentos de renda fixa. À medida que a taxa de juros diminui, abre-se um enorme potencial de participação de um valor muito expressivo de recursos no mercado de capitais e no financiamento da infraestrutura.

Então, nesse ambiente, fundos de debêntures, financiamento com debêntures, são instrumentos que finalmente podem prosperar, e o Banco está se estruturando para entrar nesse mercado não só concedendo crédito mas, também, concedendo garantias e avais. A área de mercado de capitais está muito ativa, ela é a área adequada para dar incentivo às empresas nascentes, às *ventures*, que são as inovadoras. Nesse contexto, o Banco irá lançar um produto novo, que ainda não existe no país e é muito interessante, um fundo de *venture debt*, conforme chamada pública que já está na praça, para contratar um gestor. Este fundo vai permitir o acesso a instrumentos de financiamento através de dívida para micro, pequenas e médias empresas e também empresas nascentes.

